

# TECENDO DIÁLOGO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Fernanda Figueredo dos Santos<sup>1</sup>  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
[figueredo.fernanda.santos@gmail.com](mailto:figueredo.fernanda.santos@gmail.com)

Lilian Moreira Cruz<sup>2</sup>  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
[lmternura@hotmail.com](mailto:lmternura@hotmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

Em meio a um vago espaço para as discussões sobre as questões de gênero e sexualidade em nosso contexto social, percebemos muitas vezes que um silenciamento e a uma recusa frente a esses temas. Essas atitudes acabam reforçando um grande empasse histórico de preconceitos que acabam por tornar corriqueiras atitudes de intolerância e de violência em relação às vivências da sexualidade.

Vivemos em uma sociedade que criou uma grande variedade de normas religiosas, preconceitos jurídicos, morais e educacionais para garantir e impor a todos e a todas um padrão heterossexual, sendo a figura masculina destacada e reafirmada. Aqueles que fogem a esse padrão histórico-cultural são vítimas de insultos, discriminações e correções.

Dentro da escola isso não é diferente, práticas amorosas não heterossexuais são motivo de escárnio e isolamento. E, como o espaço escolar é uma extensão da sociedade, seus preceitos, sua cultura também estão presentes dentro dela. Entretanto, esse espaço pode ser repensado no sentido de que ela passe a promover discussões nesse âmbito. Em relação a esse aspecto, a escola possui um papel fundamental na formação do indivíduo e na sua atuação na sociedade.

---

<sup>1</sup>Bióloga - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Professora de Educação Básica no Município Jequié- Participante do Grupo de Estudo e Pesquisas em Gênero e Sexualidades –E-mail: [figueredo.fernanda.santos@gmail.com](mailto:figueredo.fernanda.santos@gmail.com)

<sup>2</sup>Pedagoga- Especialista em Educação Infantil- Mestranda do Programa de Pós -graduação em Educação Científica e Formação de Professores da Universidade Estadual do Sudoeste Bahia- Participante do Grupo de Estudo e Pesquisas em Gênero e Sexualidades - UESB - E-mail: [lmternura@hotmail.com](mailto:lmternura@hotmail.com)

É na escola que as primeiras manifestações de preconceito se expressam, o que geralmente é encarado pela direção e pelos professores como algo “natural”. Brincadeiras, chacotas e mesmo gestos são banalizados frente a atitudes não heterossexuais. Segundo Louro (2000), o fato de a sexualidade ser encarada como algo que homens e mulheres possuem naturalmente impossibilita a compreensão da dimensão social, política e de seu caráter construído.

Sendo assim, abarcando a grande necessidade das discussões e das reflexões que fazem menção às construções de gênero e de sexualidade por homens e mulheres, este artigo buscou analisar o contexto de crenças, valores e atitudes manifestados por jovens e adultos no cotidiano educacional tendo em vista que essas construções envolvem rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos e convenções.

Com esta pesquisa, teve-se a expectativa de que os discentes possam abarcar uma discussão crítica a respeito das construções das relações de poder entre homens, mulheres, homossexuais e heterossexuais. O que pode influenciar na compreensão da fluidez, do caráter instável, histórico e plural das identidades de gênero e sexualidade.

## **2. GÊNERO, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Tendo em vista a amplitude das discussões sobre gênero e sexualidade, trabalhar essas questões na modalidade de educação de jovens e adultos se apresenta como uma alternativa favorável para reflexão e para evitar atitudes/ações preconceituosas e normatizadoras estabelecidas pelas relações poder na sociedade.

Além disso, o público da EJA é caracterizado por abranger alunos que por motivos de origem social, econômico ou de adequação não tiveram acesso ao ensino regular e a oportunidade de concluir o ensino básico. Assim, as discussões de gênero e sexualidade podem contribuir para intervir em um contexto que já apresenta por si só, problemas com preconceitos e rótulos (ARROYO, 2001; LOPES; SOUSA, 2005).

Entretanto, para discutir essas questões em qualquer modalidade de ensino, uma análise sobre os fatores que influenciam as inscrições de gênero e sexualidade em nossa sociedade deve nos remeter a observação do contexto cultural. Para Louro (2000) as diferentes formas de expressar desejos e prazeres são estabelecidas e codificadas por relações sociais moldadas pelas relações de poder em uma determinada cultura.

Historicamente, o homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão passa a ser uma referencia ou modelo para a sociedade.

Interessante notar que os sujeitos que fugirem ao padrão heterossexual são considerados sujeitos sociais “desviantes” definidos a partir dessa referencia. Beauvoir (1967) chama a atenção para o fato de a mulher ser encarada como “o segundo sexo”, sendo gays e lésbicas considerados sujeitos “marcados”. Dessa forma, ao classificar os sujeitos, a sociedade estabelece divisões e rótulos para fixar as identidades sexuais e de gênero, que dividindo e discriminando acaba por definir, de formas violentas ou sutis, o modelo heterossexual dominante.

Para Silva (1998) afirma que os grupos sociais utilizam a representação das identidades para categorizar os indivíduos. Mas, diante desse fato verdadeiras batalhas de imposição de significados geradas pelas relações de poder são criadas. Assim sendo, o poder definidor das representações sociais acaba por gerar efeitos específicos sobre a produção das identidades culturais e sociais que reforçam as relações de poder.

Foucault (1988), diz que a sexualidade é um dispositivo histórico, ou seja, uma invenção social historicamente criada a partir de múltiplos discursos sobre o sexo. Esses discursos promovem a instauração, normatização e reafirmação de saberes que são considerados “verdades”. Foucault (1993) enfoca que o dispositivo é decididamente heterogêneo e que estabelece discursos, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas e morais.

Com isso, então, o âmbito da história e da cultura acaba definindo todas as identidades sociais, não apenas as de gênero e de sexualidades, mas inclusive as de raça, de nacionalidade e de classe. Essa multiplicidade de identidades formam os sujeitos à medida que são expostos a diferentes situações dentro do contexto cultural e social, sendo obrigados a reconhecer-se dentro de uma identidade.

Contudo, para Louro (2000) discute que as múltiplas identidades sociais que constroem os sujeitos podem ser transitórias e contingentes e, portanto, as identidades sexuais e de gênero, assim como todas as outras, possuem um caráter instável, fragmentado, histórico e plural que são afirmados pelos dispositivos culturais. Sendo assim, as diferentes identidades culturais podem também ser provisoriamente atraentes e depois descartadas, rejeitadas ou abandonadas.

Assim sendo, as identidades culturais estão enraizadas em um contexto fluido e aparentemente constante, em que os padrões estão se movendo ou se dissolvendo. Nesse sentido, o corpo é encarado como reflexo de nossas verdades e de nossos desejos

essenciais. Para Weeks (1995), nossos corpos são vistos como recorte final sobre o que somos ou que podemos nos tornar, sendo que os julgamentos e a extrema vigilância sobre eles refletem o caráter incerto e fluido que necessitam de julgamentos, que aparentemente nossos corpos revelam:

(...) O corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar. Por que outra razão estamos tão preocupados em saber se os desejos sexuais, sejam hetero ou homossexuais, são inatos ou adquiridos? Por que outra razão estamos tão preocupados em saber se o comportamento generificado corresponde aos atributos físicos? Apenas porque tudo o mais é tão incerto que precisamos do julgamento que, aparentemente, nossos corpos pronunciam (WEEKS, 1995, p.90-91).

Fazendo uma análise sobre todas as oscilações e contradições que marcam o investimento cultural sobre o gênero e a sexualidade, a sociedade busca intencionalmente “fixar” uma identidade masculina ou feminina dita como normal e duradoura (LOURO, 1997). Nesse sentido, a escola precisa se posicionar, e na maioria das vezes, seu discurso se baseia na manutenção de uma sexualidade neutra e pura, que deve ser adiada e silenciada para a vida adulta. Crianças e até mesmo adolescentes são alvo de vigilância redobrada.

A escola, nesse sentido, apresenta-se como “dessexualizada” que contradiz as evidências da mídia, das roupas, das músicas, dos programas de TV e outras múltiplas vivências experimentadas pelos alunos. Assim, as dúvidas, as perguntas, as fantasias e a experimentações de prazer são remetidas ao segredo e ao privado. Essas estratégias de disciplinamento remetem a culpa, ao controle e ao silenciamento, refletindo na reafirmação da sexualidade como assunto privado que faz com que até mesmo a escola deixe de perceber e trabalhar sua dimensão social e política (EPSTEIN E JOHNSON, 1998).

### **3. METODOLOGIA DE PESQUISA**

Tendo em vista que discutir gênero e sexualidade envolve questões históricas, sociais e políticas de relações de poder, analisar as construções, crenças e valores dos alunos da modalidade de educação de jovens e adultos sobre o tema e considerar às potencialidades das discussões nesse âmbito são amplamente necessários. Para esse fim,

essa pesquisa teve uma abordagem qualitativa, sendo fundamentada na preocupação em construir a realidade em um nível que não pode ser quantificado, mas que englobe o universo dos significados e de todas as relações que não podem ser mediadas por variáveis (MINAYO, 2003).

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública Municipal de Educação de Jovens e Adultos em Jequié-BA. Tendo como sujeitos uma classe de educando da EJA do 2º seguimento (8º e 9º ano). A coleta de dados foi realizada durante três encontros de duas aulas cada um. Primeiramente houve a exposição dos objetivos da pesquisa para a direção da escola e para a professora de ciências da turma onde seria realizado o estudo.

Em seguida, foi aplicado um questionário aberto para levantamento das ideias dos alunos. Esse questionário era composto por perguntas relacionadas ao conceito de homem, mulher, homossexual e heterossexual. Nesse momento, os discentes puderam expressar suas visões, conceitos e vivências sobre a temática.

Após a análise das visões dos discentes, foi exibido um filme intitulado “Orações para Bobby”, que apresentou uma trama baseada em fatos reais de um garoto que por falta de aceitação de sua identidade homossexual, chegou a se suicidar por vivenciar a recusa, a repressão religiosa e social da família, principalmente da sua mãe, da escola e dos amigos.

Em um terceiro momento, foi aberta uma ampla discussão na sala de aula, onde alunos e alunas puderam debater e expressar diferentes opiniões e conceitos, sobre o que haviam assistido e sobre situações vivenciadas no dia-a-dia. Durante toda a intervenção eram anotadas todas as expressões e apontamentos dos alunos. Após esse momento, foi aplicado um novo questionário aberto para avaliar às contribuições das discussões e do filme exibido.

Para a análise dos dados foi utilizada a metodologia da Análise do Conteúdo que abarca um conjunto de técnicas de análise e descrição do conteúdo das mensagens dos alunos que possibilitam a inferência de conhecimentos revelados através dos pensamentos e/ou ações dos sujeitos (FRANCO, 2008). Nesse contexto, criamos quatro categorias de análise: i) concepção do que é ser homem; ii) concepção do que é ser mulher; iii) concepção do que é ser homossexual e iv) concepção do que é ser heterossexual.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Analisar as ideias dos discentes quando questionados inicialmente sobre as concepções referentes ao papel do homem e da mulher na sociedade e sobre o que pensam sobre homossexuais e heterossexuais e buscar relacioná-las as construções já feitas por eles em seus respectivos contextos culturais foi o passo inicial feito na turma em estudo. Nesse sentido, os discentes revelaram que as concepções de homem estão vinculadas ao provedor, reprodutor e ao que gosta de mulher (90%), apenas (10%) mencionou como criatura divina e para a reprodução. Esses pensamentos condizem com o que Louro (2000) afirma sobre a heteronormatividade existente em nossa sociedade, o homem branco de classe média, heterossexual e cristão é encarado como o padrão e exemplo correto a ser seguido.

Em relação às mulheres a grande maioria fez relação ao papel de mãe, cuidadora, sensível, do lar e companheiras do homem. Os pensamentos dos alunos referentes ao papel da mulher condizem com o que Beauvoir (1967) fala sobre a posição de segundo sexo que as mulheres ainda vivenciam na sociedade, o que as tornam suscetíveis a serem “dominadas” pelos homens.

Quando questionados sobre a homossexualidade, apesar de muitos revelarem não ter preconceito, o termo foi relacionado aos que praticam uma sexualidade “diferente” do é considerado normal (80%), uma das alunas chegou a mencionar que pessoas homossexuais são “contaminadas com espíritos ruins” (10%). Nisso podemos observar como a questão religiosa é fator de influência nas concepções das pessoas. Apenas uma aluna (10%) revelou respeitar a individualidade da sexualidade vivenciada pelas pessoas.

Em contrapartida, em relação à postura dos heterossexuais, as concepções foram relacionadas às pessoas que “gostam” de se relacionar com pessoas de sexo oposto e que agem de maneira religiosamente correta. Louro (1997) retrata o investimento cultural de “fixar” uma identidade tida como normal e duradoura, deixando de lado as oscilações e contradições que marcam o gênero e a sexualidade em nosso contexto social.

Durante o processo de intervenção, os alunos demonstraram boa receptividade e abertura para a discussão. Após esses momentos, houve uma ampla discussão na classe e uma relevante exposição e debates de ideias pelos próprios alunos.

Assim, os resultados do último questionário aberto realizado revelou que a maioria dos alunos (75%) passou respeitar indivíduos homossexuais, mas ressaltando não concordarem com algumas atitudes que muitas vezes são vinculadas a essas identidades sexuais. Alguns chegaram a afirmar que não se aproximariam aos homossexuais para não serem tachados ou recriminados. Entretanto, muitos ressaltaram que apesar de não aceitarem ou concordarem com o que eles chamam de “opção” sexual diferente, muitos afirmaram ter deixado de lado a imediata discriminação e preconceito, abrindo-se a possíveis discussões.

A citação dos costumes e regras religiosas continuou presente. Apenas (25%) dos alunos revelaram que passaram a não categorizar as identidades sexuais e de gênero, buscando não vincular as questões de gênero e sexualidade a enquadramentos. Para Louro (2007), as identidades precisam ser encaradas como fluidas e inconstantes, devendo ser levado em consideração o caráter histórico e plural das diferentes identidades sexuais.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As discussões promovidas dentro do contexto permitiu avaliar como as questões de gênero e sexualidade são construídas em um âmbito histórico, social e cultural. A análise do estudo permitiu refletir sobre a importância do tratamento de assuntos considerados “silenciosos” na escola. As concepções sobre homem, mulher, homossexual e heterossexual foram trazidas para a discussão e reconstrução.

Praticar discussões que possam tentar desconstruir modelos e padrões que levam a situações de ofensas e preconceitos revelaram ser uma ferramenta importante para serem utilizadas no contexto da escola. Dessa forma, essas discussões devem ser exercidas de maneira constante no contexto da escola.

## **6. REFERÊNCIAS**

ARROYO, Miguel. **A educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão.** A educação e a cidadania. São Paulo: Rede de apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil (RAAAB), n.11, abril 2001.

BEAUVOIR, S. **O SEGUNDO SEXO II: a experiência vivida.** 2ª Ed. São Paulo: Copyright by, 1967.

EPSTEIN, D.; JOHNSON, R. **Schooling sexualities.** Buckingham: Open University Press, 1998.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise do Conteúdo.** 3ª edição: Líber Livro Editora, 2008.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber.** 13ª Ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo, Editora Atlas, 1987.

LOPES, S. P.; SOUSA, L. S.. Eja: uma educação possível ou mera utopia? **Revista Alfabetização Solidária (Alfasol)**, v. 5, setembro, 2005.

LOURO, G. L., Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista.** Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218. dez. 2007.

LOURO, G. L., WEEKS, J., BRITZMAN, D., HOOKS, B., PARKER, R. BUTLER, J. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MINAYO, M.C. de S. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

SILVA, T. T. "A poética e a política do currículo como representação." **GT Currículo na 21ª Reunião Anual da ANPED,** 1998.